



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



ANA CLARA LOURENÇO FREGADOLLI

# **CRÍPTOMOEDAS: UMA ANÁLISE DOS PRECEDENTES DO FENÔMENO**

Limeira  
2021



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



**ANA CLARA LOURENÇO FREGADOLLI**

# **CRIPTOMOEDAS: UMA ANÁLISE DOS PRECEDENTES DO FENÔMENO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Bruno Brandão Fischer

Coorientador: Prof(a). Dr(a). Marcio Marcelo Belli

Limeira  
2021

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas  
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

F88c Fregadolli, Ana Clara Lourenço, 1999-  
Criptomoedas : uma análise dos precedentes do fenômeno / Ana Clara Lourenço Fregadolli. – Limeira, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Bruno Brandão Fischer.  
Coorientador: Marcio Marcelo Belli.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Transferência eletrônica de fundos. 2. Moeda. 3. Fidúcia. 4. Comportamento humano. I. Fischer, Bruno Brandão, 1983-. II. Belli, Márcio Marcelo, 1965-. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** Cryptocurrencies: an analysis of the phenomenon's precedents

**Titulação:** Bacharel em Administração

**Banca examinadora:**

Bruno Brandão Fischer [Orientador]

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 02-07-2021

FREGADOLLI, Ana Clara Lourenço. Criptomoedas: uma análise dos precedentes do fenômeno. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2021.

## RESUMO

O presente trabalho busca entender o que são as criptomoedas, o que elas representam e qual a relação de confiança e segurança estabelecida entre elas e seus usuários. O estudo propõe analisar a evolução da moeda e do sistema monetário tradicional, desde o início do escambo, com as primeiras civilizações até o novo modelo digital proposto, além de entender o que o dinheiro representa para a sociedade, associado ao poder e segurança, perpassando pela economia comportamental, filosofia e psicologia. O principal objetivo será compreender o motivo pelo qual as criptomoedas são hoje tão aclamadas, especialmente pelos jovens como forma de investimento e o que elas significam diante do que se entende como dinheiro, traçando paralelos de suas características com o surgimento e evolução do sistema monetário, baseado na fidúcia. Para isso, serão utilizadas referências teóricas que contemplam o tema, de forma que a trajetória da moeda e do sistema monetário seja compreendido, além do papel das criptomoedas e do comportamento humano em relação ao dinheiro e ao poder.

**Palavras-chave:** Moeda. Criptomoeda. Fidúcia. Confiança. Comportamento.

FREGADOLLI, Ana Clara Lourenço. Cryptocurrencies: an analysis of the phenomenon's precedents. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administration.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2021.

### **ABSTRACT**

The present work seeks to understand what cryptocurrencies are, what they represent and what is the trust and security relationship established between them and their users. The study proposes to analyze the evolution of currency and the traditional monetary system, from the beginning of barter, with the first civilizations to the new proposed digital model, in addition to understanding what money represents for society, associated with power and security, passing through behavioral economics, philosophy and psychology. The main objective will be to understand why cryptocurrencies are so acclaimed today, especially by young people as a form of investment and what they mean in light of what is understood as money, drawing parallels of their characteristics with the emergence and evolution of the monetary system, based on trust. For this, theoretical references that address the theme will be used, so that the trajectory of money and the monetary system is understood, in addition to the role of cryptocurrencies and human behavior in relation to money and power.

**Keywords:** Currency. Cryptocurrency. Reliability. Trust. Behavior

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2.	METODOLOGIA.....	9
3.	DESENVOLVIMENTO.....	10
3.1	Moeda.....	10
3.2	História e Evolução da Moeda.....	11
3.3	Criptomoeda.....	13
3.4	Bolhas Financeiras.....	14
4.	CONCLUSÃO.....	17
5.	REFERÊNCIAS.....	19

## 1 INTRODUÇÃO

As criptomoedas viralizaram. Desde 2009, com o lançamento da primeira criptomoeda, o *Bitcoin*, diversas outras já surgiram no mercado. Atualmente, há mais brasileiros investindo em criptomoedas do que na Bolsa de Valores de São Paulo. Tendo essas observações em vista, torna-se fundamental ao menos entender esse fenômeno.

O presente trabalho visa compreender o que são as criptomoedas. Para entender essa proposta de modelo monetário, é preciso analisar seus precedentes, ou seja, a origem e evolução da moeda, além da compreensão do sistema monetário a fim de justificar seu embasamento e surgimento. Seu principal objetivo é compreender como as criptomoedas chegaram ao mercado e atingiram uma alta extraordinária.

A partir disso, busca desenvolver uma análise das transformações da sociedade concomitante às da moeda. Além disso, procura verificar a característica retomada pelas criptomoedas, em especial a mais expressiva, o *bitcoin*, de descentralização e analisar como esse fator se relaciona com as origens e criação dos mais antigos sistemas de trocas, como o escambo. Propõe também analisar os custos de transação e o comportamento acerca do uso e aceitação da tecnologia.

O trabalho também leva em consideração o poder do sentimento de confiança e segurança que o ser humano procura. Entende-se que o ser humano busca segurança. E para se ter segurança é preciso confiança. No entanto, ao mesmo tempo em que se busca segurança, não se quer abrir mão da liberdade e do poder de escolha. O verdadeiro dilema: quero segurança, mas também quero liberdade. Como se pode confiar e se ter segurança ou ao menos se sentir seguro, sem abrir mão de um pouco de liberdade? O que rege esses parâmetros que o força a buscar novas maneiras de confiar? Vive-se em uma sociedade de falsa privacidade com fantasia de liberdade.

Ao longo do desenvolvimento da sociedade, sempre pôde-se perceber a presença de uma figura totem, uma referência que rege o sistema, seja ele pequeno com três ou quatro indivíduos ou uma nação com milhões de pessoas. Sempre se tem uma figura, um pai ou uma mãe, um cacique na aldeia, um sr. feudal, um imperador, um rei, um governante, um presidente. Sempre há uma figura que passa para o povo ou pelo menos para a maioria, alguma sensação de segurança e ao mesmo tempo de vigia. Um cuidado e ao mesmo tempo uma retirada de liberdade, no qual as pessoas se sentem observadas o tempo todo, dentro de um sistema panóptico, como já dizia Michel Foucault.

É difícil de se imaginar a sociedade atual sem um regimento, sem leis, sem um sistema. Durante a evolução das civilizações, notou-se cada vez mais a necessidade de desenvolver um sistema de controle. Controle de água, comida, trabalho, modo de vida, dinheiro, tudo passou a seguir um determinado regimento. No entanto, esse regimento não satisfaz a todos. Não é diferente quando se pensa em controle monetário e sistema financeiro. Existem uma série de regulamentações e de deveres que o cidadão deve cumprir, especialmente a prestação de contas ao governo através do imposto de renda, por exemplo. Sempre há uma certa vigia. E com esse

descontentamento e insatisfação por essa sensação de vigia e controle, surgiram movimentos e grupos que defendem a criptografia e o direito à privacidade, especialmente no mundo virtual.

Com as criptomoedas, a figura de confiança passa a ser a tecnologia. Por esse motivo, atrai cada vez mais os jovens, por serem não apenas uma forma de investimento e de gerar renda extra, mas também para realizar transações no universo virtual, principalmente para a compra e venda de arte, música e no ramo do esporte também. Garantindo sempre o anonimato, a privacidade e a liberdade, independente da transação.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo terá abordagem bibliográfica para seu desenvolvimento, uma vez que dentro do seu objetivo estabelecido, busca entender o que são as criptomoedas e analisar seus precedentes. Dessa forma, torna-se necessário investigar o que a moeda significa para a sociedade e o que a mantém circulando e gerando valor. Esta pesquisa constitui-se, portanto, de caráter exploratório, pois dentro da sua elaboração será necessário investigar a origem e evolução da moeda, bem como do sistema que surgiu a partir da mesma.

É importante analisar a instituição pela ótica de um pesquisador no sentido de descobrir várias lacunas que originaram esse estudo. Desse modo, deve-se buscar como suporte bibliográfico autores que tratam sobre o tema. Assim, Gil (2002) cita que uma pesquisa exploratória tem por objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições sobre o tema, tornando o pesquisador mais familiar com o assunto. Malhotra (2001, p. 105) completa dizendo: “a pesquisa exploratória é usada em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão, identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem”. Para este artigo, utilizou-se a base teórica de livros e artigos acerca da história da moeda e sua evolução junto ao desenvolvimento e transformação da sociedade. Quanto ao estudo referente às criptomoedas, levando em conta sua notoriedade e seu fator novidade quando se fala de artigos científicos, o tema conta com material informativo e descritivo presente em websites com diferentes pontos de vista, expectativas e interesses financeiros.

Dessa forma, utilizou-se neste projeto, o máximo possível de artigos científicos já publicados e informações de sites mais relevantes e confiáveis disponíveis. A base teórica sobre a história da moeda, o sistema de trocas, as bolhas financeiras e a evolução do sistema monetário e dos instrumentos por ele utilizado foi retirada de livros, artigos científicos e páginas virtuais de órgãos oficiais, como o website do Banco Central do Brasil, já que se tratam de assuntos amplamente estudados e com literatura sólida no mundo acadêmico. Realizar-se-á então, uma análise comparativa entre os elementos que compõem a história da moeda para que se possa entender o que a moeda digital tem de proximidade e de similaridade com o começo do fenômeno monetário. Ao final, as conclusões do estudo serão pontuadas com as observações mais relevantes que as comparações e histórico permitiram levantar.

### 3 DESENVOLVIMENTO

#### Moeda

As criptomoedas surgiram há pouco mais de uma década e são discutidas e debatidas diariamente na mídia. Elas surgiram com o intuito de descentralizar o poder do Estado sobre o sistema monetário, retomando ideais do anarcocapitalismo e do movimento dos *Cypherpunks* da década de 90. O movimento surgiu em 1993 com um manifesto, escrito por Eric Hughes, no qual afirma-se que a tecnologia auxilia na união de pessoas, mas que elas têm o direito de defender sua própria privacidade. O texto afirma que órgãos oficiais não ajudam a população, apenas tiram vantagem. Esse grupo defende os direitos civis e rejeita o monitoramento governamental, apoiando e realizando criptografias e defendendo a segurança e privacidade principalmente no ambiente virtual.

Dessa forma, as criptomoedas entravam um forte debate acerca também dos direitos civis, uma vez que a criptografia torna qualquer movimentação anônima. Para compreender esse debate e entender o processo de evolução e transformação da moeda, é importante ressaltar as funções da moeda e sua importância. Dentre suas funções, destaca-se:

- intermediária de trocas;
- medida de valor;
- reserva de valor;
- função liberatória;
- instrumento de poder.

A moeda surgiu para intermediar trocas e permitiu a passagem do escambo à economia monetária, além de ter facilitado o processo de produção e distribuição, diminuindo o tempo empregado nas transações e possibilitou a liberdade de escolha entre os agentes. Para Robertson (1978), a maior vantagem da moeda é permitir ao homem, como consumidor, generalizar sua capacidade aquisitiva e demandar da sociedade aquilo que lhe convém. A existência de uma economia monetária ajuda a sociedade a descobrir quais os bens de que precisa e em quantidades, orientando assim a produção no sentido de aproveitar realmente seus limitados recursos. Contribui, ainda, para assegurar a cada membro da sociedade que os meios de satisfação ao seu alcance lhe proporcionem o máximo possível de satisfação. O uso da moeda não apenas faculta ao seu possuidor a liberdade de escolher o que adquirirá, mas também quando.

Quanto à medida de valor, a moeda assume o papel de denominador comum de valores, garantindo que os bens e serviços transacionados tenham uma unidade padrão de medida, tornando a contabilização da atividade econômica possível. Além disso, a moeda funciona também como reserva de valor e tem preferência frente a demais ativos com a mesma função, pois tem rápida aceitação para a conversão da mesma em outros ativos.

Outra função importante da moeda e de maior destaque para este projeto é o seu poder liberatório. Esta função compete à riqueza possuída por um agente econômico e seu poder de saldar dívidas e liquidar débitos. Esse poder é garantido pelo Estado. No entanto, é importante compreender o papel fundamental exercido pelos demais agentes econômicos, o da confiança depositada na moeda.

Se a coletividade deixa de confiar na moeda, não há formas eficazes que, pela simples imposição legal, levem os agentes econômicos a participarem de transações em que a moeda corrente venha a ser utilizada como meio de pagamento, mesmo que o Estado declare, uma vez realizada a transação, estar extinta a relação jurídica de débito e crédito resultante da troca. (LOPES; ROSSETTI, 1982, pág.18). Dessa forma, pode-se concluir que a aceitação da moeda por parte da sociedade é o que garante a ela o poder de exercer sua função.

Há, assim, forte correlação entre a função liberatória da moeda e o grau em que esta é aceita pela sociedade. A aceitação generalizada é essencialmente uma manifestação de natureza social, que, em realidade, garante à moeda, o exercício dessa importante função. (ROSSETTI, 1982)

### **História e evolução da moeda**

Quando os seres humanos deixaram de praticar a agricultura de subsistência no nomadismo e passaram a se estabelecer, as características populacionais passaram a sofrer alterações também. Com o sedentarismo, as famílias e pequenos aglomerados começaram a crescer e em pouco tempo, vilas se tornaram civilizações. Quando as produções passaram a atingir maior escala e a especialidade de cada conglomerado passou a ficar mais evidente, o escambo passou a ser praticado. O escambo nada mais é do que a simples troca de mercadoria, sem equivalência de valor. Sendo assim, os excedentes de um eram trocados pelos excedentes de outro, de acordo com o interesse das partes envolvidas. No escambo, a troca de mercadorias era simbolizada com produtos, como gado, sal ou até mesmo o tabaco e o cacau, variando de região para região. Essa prática remonta a 6000 a.C. Foi introduzida na Mesopotâmia e ainda é praticada por povos de economia primitiva, empresários e agricultores e até mesmo pelas pessoas em suas rotinas. A única diferença é que técnicas mais sofisticadas são exploradas, utilizando-se da internet e de aplicativos.

No entanto, apesar de aparentar apenas vantagens, a permuta pode ser desvantajosa. Uma das maiores dificuldades neste tipo de transação é conseguir determinar o quão confiável é a outra parte envolvida na troca. Até mesmo porque não existe nenhuma certificação de legitimidade. Além disso, não existe proteção do consumidor ou garantias estabelecidas, o que pode tornar a troca decepcionante e injusta para uma das partes envolvidas no processo. Dessa forma, nesse sistema, não há um órgão regedor que garanta ou admita confiança no processo de transação. Entretanto, existe flexibilidade, pois a troca não precisa ser entre itens semelhantes, apenas precisa atender as necessidades de ambas as partes envolvidas igualmente. Dessa forma, as duas partes conseguem algo que querem ou precisam, sem envolver suas reservas monetárias.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à fatores como: oscilação de seu valor, a

impossibilidade de fração, sua perecibilidade, a perda de confiança quando não eram homogêneas e seu caráter intransferível, além de serem de difícil manuseio. Entretanto, com a descoberta do metal e sua capacidade de se ajustar às necessidades do momento, divisibilidade e facilidade de transporte, a civilização o adotou como forma de moeda.

Cabe ainda assinalar que a utilização de metais viabilizou o processo de cunhagem, por meio do qual se certificava seu peso e garantia sua circulação, notadamente quando esse processo era realizado ou administrado por chefes de Estado. No Império Romano, os imperadores usavam a moeda cunhada como meio de integração das regiões conquistadas e como veículo de propaganda, pela cunhagem da própria esfinge e de frases de efeito externo. (LOPES; ROSSETTI, 1982). O cunho passa a garantir o valor. Além disso, o imperador passa a ser a figura, o totem que rege e garante o valor da moeda.

Torna-se visível a partir desse momento, os efeitos políticos que a cunhagem das moedas passou a ter. Além disso, a cunhagem permitiu a cobrança de tributos a partir da Idade Média, quando os senhores feudais assumiram poder exclusivo para a cunhagem de moedas e alteração de seus valores nominais.

Com o crescimento das civilizações e a difusão da prática comercial entre diferentes países e regiões, tornou-se difícil o transporte dos metais. Com isso, principalmente, os comerciantes, passaram a buscar instituições que guardassem e garantissem a segurança de seus metais. Assim, começam a surgir, os certificados de depósitos emitidos por essas casas bancárias a fim de garantir segurança e comodidade para os depositantes. Inicia-se então, a utilização da moeda-papel e verifica-se o surgimento da instituição bancária, também como referência de segurança relacionada ao dinheiro.

A partir da generalização da moeda-papel, teve-se a criação da moeda fiduciária, o papel-moeda. A moeda fiduciária consiste na emissão de certificados sem a conversão imediata para o lastro metálico, ou seja, baseia-se na confiança da comunidade sobre os depositários de ouro e prata. No período da Idade Média, havia o hábito de se guardar valores com um ourives. Como garantia, o profissional entregava um recibo. As pessoas passaram a utilizar os recibos para realizar pagamentos. A partir dessa circulação, originou-se o papel-moeda.

Com o advento do papel-moeda, as moedas passaram a adquirir apenas valores pequenos, utilizados para troco. Com o tempo, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando falsificações e garantindo o poder de pagamento. Não é à toa que hoje, diversos processos de impressão compõem a confecção das cédulas, a fim de garantir segurança e durabilidade. É possível notar nesse momento, a necessidade da regulamentação, ou seja, da presença de um órgão para regular, controlar, garantir e confiar o papel da moeda.

Com a tecnologia, foram surgindo diversas outras formas de se realizar transações monetárias. Como por exemplo, através de cheques. O cheque nada mais é do que um recibo de entrega de valor. O uso do cheque apresenta muitas vantagens, pois facilita a movimentação de grandes somas, economiza o tempo na contagem de

notas e diminui a possibilidade de roubos. Tanto, que para segurança, sua emissão é atribuída de diversas garantias, de modo que conquiste a confiança pública.

Recentemente, os cartões de plástico têm tomado a frente. Os cartões são práticos, pois realizam transações monetárias no momento da compra ou garantem a intenção de compra através do crédito concedido pelas instituições financeiras. Eles podem ser usados na compra de grande número de bens e serviços, inclusive em lojas virtuais através da internet. É uma forma de pagamento muito bem aceita e seu vínculo com a instituição bancária de certa forma, protege os envolvidos na transação. Hoje em dia, os cartões nem precisam ser físicos, é possível utilizar o aplicativo do banco no celular, no qual se tem o cartão virtual e realizar compras de maneira prática e rápida. É possível notar nesse momento, a presença e confiança transmitida pela tecnologia, mesmo que ainda sendo assegurada pela instituição financeira.

### **Criptomoeda**

Até o momento, percebe-se o quanto a moeda evoluiu e o quanto a tecnologia auxiliou a sociedade nessa evolução. É possível notar que com o passar do tempo, foi necessária a regulamentação do sistema monetário e que a confiança precisou e precisa estar presente de forma a garantir que a transação corra bem. É notável que cada vez mais, a tecnologia tem impactado esse processo de evolução da moeda, através da presença de aplicativos do banco no celular, no qual muitas vezes, todos os dados e acessos à instituição financeira ficam salvos, identificando assim a tecnologia como garantidora e mantenedora dessa confiança.

Com base nisso e no movimento que defende os direitos civis, a privacidade e, portanto, a criptografia, surge em 2009, a primeira criptomoeda chamada *Bitcoin*. Pouco se sabe sobre seu(s) criador(es), Satoshi Nakamoto, apenas que seu objetivo era desenvolver uma moeda criptografada e desregulamentada. Porém, o que levou o *Bitcoin* a se tornar um fenômeno, a ganhar força e a surtir um efeito de criação em massa de diversas outras criptomoedas, foi a confiança e credibilidade depositada nela, além do interesse de se ganhar dinheiro transacionando as mesmas.

Muitos jovens, por terem visto seus pais e avós sofrerem perdas financeiras por ações do governo e de instituições financeiras, assim como as dificuldades enfrentadas após bolhas financeiras, passaram a desacreditar nas instituições bancárias e em órgãos reguladores. As moedas virtuais entraram em ascensão especialmente por esse motivo. A falta de credibilidade dos bancos e a desconfiança para com o governo, geraram o movimento de busca por independência e anonimato financeiro. As criptomoedas são a resposta para essa vontade de descentralização e controle puro sobre a propriedade privada e a privacidade de uso do dinheiro, além do medo de perder aquilo que se tem e foi construído com muito trabalho e dedicação.

O fenômeno tem sido tema de repercussão no ramo financeiro. Diversas e divergentes opiniões surgem todos os dias acerca do assunto. Esses posicionamentos tão fortes e tão divergentes, causam discussão e questionamento quanto à viabilidade das criptomoedas. Por ser um tema relativamente novo e que conta com diversos pontos de vista, torna-se difícil encontrar uma resposta exata para explicar as criptomoedas.

Elas são definidas como moedas independentes, globais e que não circulam no sistema financeiro tradicional, pois suas trocas são realizadas diretamente entre os usuários através do sistema que as emite e controla, a *blockchain*. No entanto, não são vistas como substitutas do papel-moeda, pelo menos não no cenário brasileiro, pois além de ser pouquíssimo aceita como forma de pagamento, não atende as mesmas funções da moeda, como visto anteriormente. Geralmente, as pessoas as adquirem com o objetivo de garantir reserva de valor, ou seja, como forma de investimento. O grande problema no sistema da criptomoeda e que traduz as opiniões contra o advento, é a necessidade de aumentar exponencialmente pontos do contrato de forma que novas transações obtenham o mesmo retorno das anteriores. Sendo assim, o sistema de rendimento só existe enquanto há oferta e procura. No entanto, se o valor atingir uma alta extraordinária e não houver mais interessados, não houver mais confiança, o sistema entra em colapso, assim como a realidade das bolhas financeiras. Não é à toa que diversos investidores, como Warren Buffet, creem que esse é um advento que se transformará em bolha financeira.

Os aspectos que despertam o interesse e o desejo dos investidores são a liberdade, a não rastreabilidade e a falta de controle governamental que as criptomoedas permitem que aconteça.

Segundo Costal e Meira, até mesmo a função de reserva de valor é questionável, visto que não há autoridade de regulamentação monetária que possua poder macroeconômico e legal para garantir seu poder de compra, e gerar segurança para contratos de longo prazo nessa “pretensa moeda”.

Por esse motivo, o que existe até o momento é uma valorização especulativa. Essa valorização se dá pela confiança depositada no sistema da moeda e na própria moeda. No entanto, nem o Estado, nem uma instituição financeira a garante. Diversos países já estão regulamentando as criptomoedas ou até mesmo banindo transações com a moeda digital. “A moeda é tida pelos países como um bem nacional, de importante poder macroeconômico [...]. Movimentos para regulamentação, ou mesmo proibição, já são observados a todo momento, e conforme a valorização dessas criptomoedas começam a apontar uma possível bolha, é de se esperar que os movimentos parcimoniosos sejam realizados pelas nações e seus Bancos Centrais. Da mesma forma, o combate à evasão de divisas e à sonegação fiscal também alimentam as ressalvas que os governos nacionais tendem a apresentar. “

### **Bolhas Financeiras**

“As bolhas surgem especialmente em períodos de inovação. Podem ser inovações tecnológicas, como as ferrovias ou a internet, ou financeiras”, diz Markus K. Brunnermeier, professor de economia da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Segundo Ann Pettifor, diretora do Centro de Investigação de Políticas Macroeconômicas (Prime, na sigla em inglês), as grandes bolhas – como a bolha da internet, no início dos anos 2000 – se formam por causa do chamado “ciclo dos negócios”: a atividade econômica e os preços não podem crescer exponencialmente para sempre.

Acerca das bolhas financeiras, diversas situações podem ser citadas, como a primeira bolha financeira da história, a “tulipomania” que gerou caos na economia

holandesa. No século 17, uma euforia por tulipas exóticas tomou a Holanda. Uma diferenciação na coloração das tulipas foi causada por um vírus. Porém, isso garantia um aspecto tão belo à flor, que o que era apenas uma apreciação dos entusiastas, logo se tornou um esquema de especulação para se ganhar dinheiro. Na época, em cada cidade havia um mercado de tulipas e floristas realizavam vendas de acordo com suas próprias regras, sem regulamentação. Os pagamentos passaram a ser feitos com notas promissórias por tulipas que ainda estavam sendo cultivadas, tornando o investimento de alto risco, uma vez que por se tratar de algo vivo e da natureza, não há garantia de qualidade. Esse movimento inclusive, é geralmente citado como o primeiro mercado futuro do mundo. Muitos passaram a adquirir a flor e o preço da planta alcançou níveis exorbitantes, tendo pessoas inclusive vendendo suas casas por elas. O mercado deixou de negociar espécimes raros leiloados um de cada vez e passou a vender tulipas por peso de plantio. O preço multiplicou mais de vinte vezes. E, no início de fevereiro de 1637, a taxa de câmbio era tão surpreendente que o colapso do mercado se tornou inevitável. Os floristas pararam de licitar os valores exorbitantes que haviam oferecido ainda no dia anterior. Quando um recuou, todos recuaram. Com as notícias se espalhando entre as cidades, todos se tornaram vendedores. Compradores se recusavam a pagar o preço combinado e vendedores encontravam-se em dívida por preços que não poderiam pagar. O pânico financeiro foi tão grande, que quebrou a economia do país.

Outra bolha financeira muito marcante foi a crise de 1929, que devastou a cidade de Nova York. Uma onda especulativa, levou diversas pessoas a investirem no mercado de ações e muitos se endividaram para adquirir títulos. Porém, em 24 de outubro de 1929, o preço dos títulos desmoronou e o pânico financeiro tomou conta da sociedade nova-iorquina. A bolsa de valores entrou em colapso. Bancos quebraram, empresas foram fechadas e centenas de milhares de pessoas foram à falência. A crise devastou não só a economia dos EUA, mas do mundo todo, ocasionando a crise econômica mundial mais grave do século 20. A falta de dinheiro, retomou e popularizou ainda mais o escambo.

Além da Crise de 1929, outra grande crise financeira mundial ocorreu no novo milênio, em 2008, a crise do Subprime. Bancos dos Estados Unidos concediam créditos com juros altos às pessoas que não possuíam capacidade econômica de adquirir dívidas. As instituições financeiras passaram a agrupar diversos desses créditos em produtos financeiros duvidosos. A bolha estourou quando os devedores não conseguiram quitar as dívidas e o preço dos imóveis despencou. Diversas pessoas perderam suas casas e seus empregos e o banco americano Lehman Brothers declarou falência. Essa crise também afetou a economia mundial e deixou ainda mais aguçada a vontade e o desejo de se desvincular da regulamentação, uma vez que colocou em xeque a confiança depositada nas instituições financeiras e no governo.

Ao que se pode notar, a maioria das crises e bolhas do mercado financeiro aconteceram devido à especulação e oscilação de oferta e procura por um determinado bem. No entanto, essa oscilação se deve à crença e à confiança depositada pelas pessoas e o efeito manada que atinge decisões econômicas e de investimento desse gênero.

Certamente, a crise de 2008 foi uma das mais devastadoras recentemente. Com a falência do banco estadunidense Lehman Brothers, a sociedade foi impactada, não só nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro. Diversas pessoas perderam seus empregos e, conseqüentemente, suas casas e seus pertences. Todas as dificuldades enfrentadas, despertaram dúvidas e inseguranças. Dúvidas e inseguranças acerca da credibilidade dos bancos. “Será que meu dinheiro está realmente seguro?” “Será que eu tenho, de fato, poder sobre meu dinheiro?”

No Brasil, a população sentiu isso na pele durante o governo de Fernando Collor, quando medidas para conter a inflação como confisco de valores depositados na poupança e em contas-correntes foi determinado pelo governo. Muitos viram seu dinheiro perdendo valor e passaram a questionar o governo e suas ações.

Todas essas indagações levaram à desconfiança no sistema monetário tradicional e contribuíram para o *boom* do *bitcoin*. Porém, a diferença está na garantia do serviço, em onde a confiança está sendo depositada, resumindo-se a um sistema descentralizado. De certa forma, é possível analisar que há sempre uma figura regendo e garantindo a confiança das pessoas. Com as criptomoedas, a confiança é depositada na tecnologia ao invés de ser depositada no governo e nos bancos, mas a figura de controle e regime não deixa de existir apesar da descentralização.

Apesar da existência de uma figura de confiança, a tecnologia não exerce o papel do Estado e do governo em relação ao sistema monetário. O governo tira a incerteza e instabilidade da transação, uma vez que oferece garantia à moeda. Isso permite uma redução de assimetria de informações, uma vez que tudo se torna mais claro para as partes envolvidas. Com as criptomoedas, não há um órgão visível que faz esse papel, apenas a tecnologia. É assim, um tanto quanto arriscado, uma vez que a confiança está baseada em um sistema tecnológico desenvolvido por um grupo desconhecido. Quando usada como instrumento de investimento, dificulta a utilização de hedge cambial, uma vez que possui alta volatilidade e o mercado sofre muitas influências de grandes empreendedores diariamente.

Alguns Estados vêm buscando regulamentar em partes a utilização de criptomoedas. Outros têm até mesmo criado e buscado implementar suas próprias moedas virtuais regidas pelo governo. O papel do Estado de tentar controlar esse universo paralelo de transações faz jus ao seu papel de tributação e autonomia macroeconômica, apesar de tirar o princípio primordial da criptomoeda: privacidade. Todas essas indagações, mudanças e incertezas leva a questionamentos e aguça a curiosidade de entender cada vez mais qual a origem desses sistemas e qual o futuro desses sistemas.

## 4 CONCLUSÃO

Ao entender o poder da fidúcia, da crença no sistema monetário, bem como da moeda, é possível compreender e responder o objetivo e questão central do trabalho: como as criptomoedas atingiram um valor extraordinário em seu mercado? Justamente, devido a fidúcia e crença das pessoas. Esse efeito manada e a mentalidade atual de se buscar investimentos para garantir o futuro, sem depender do governo, é o que levou a alta desse mercado.

No entanto, esse fator de investimento é ainda cabível no momento. Já existem diversas outras criptomoedas e assim como toda tecnologia, para se popularizar, é preciso baratear. Em algum momento, é bem provável que isso venha a acontecer com as criptomoedas. Elas talvez deixarão de ser investimento, pois ou irão se tornar uma bolha e deixarão de possuir valor no mercado ou para se tornarem de utilização de todos, precisarão ter baixo custo.

Analisando as bolhas do mercado financeiro e também as criptomoedas, é difícil de identificar o motivo pelo qual as pessoas passam a investir em determinado bem. Como na tulipomania, era apenas uma questão de beleza, com as criptomoedas, na maioria dos casos, são apenas vistas como forma de fazer dinheiro. Elas não são vistas como ativos e geralmente, nem passíveis de conversão à ativos, o que as diferencia e distancia da moeda e suas funções.

Ao traçarmos paralelos com as bolhas do mercado, a famigerada ânsia pelo bem, pela criptomoeda que eleva seu valor exponencialmente até o momento do colapso, da desconfiança, leva a crer que o *bitcoin* e demais moedas virtuais venham a ter seu destino fadado ao mesmo fim.

Com a base teórica apresentada, abordando as características centrais do *bitcoin* e das criptomoedas, do surgimento do sistema monetário e suas modificações e evoluções, foi possível estabelecer uma relação entre as criptomoedas e os primeiros sistemas de troca. De forma geral, pode-se notar que o poder para determinar o uso da moeda nas transações e sua utilização, assim como o investimento do *bitcoin* está no povo, na sociedade, pois é a sua confiança que o alimenta. A fidúcia é a base determinante para as divergentes opiniões acerca das criptomoedas e para o surgimento e uso das mesmas. Assim como tudo que envolve transações monetárias.

Como visto anteriormente, a moeda digital não tem seu valor garantido por nenhuma instituição financeira, governo ou autoridade monetária. Além de facilitarem sonegação fiscal, lavagem de dinheiro e outras irregularidades fiscais por conta da criptografia e desregulamentação, não conseguem exercer completamente as funções básicas de uma moeda. Elas possuem alta volatilidade e incerteza. O adquirir e transacionar criptomoedas está focado em especulação de câmbio, tendo como desejo a valorização artificial da moeda e não seu poder de compra. Isso fere a própria essência da principal função de uma moeda fiduciária, que é o que elas buscam ser, e que é servir de meio de troca em uma economia, tendo sua reserva de valor garantida por uma autoridade monetária, com poder para tal.

O sistema de trocas e a moeda nascem descentralizados, sendo essa a semelhança que as criptomoedas vêm a ter com o dinheiro regulamentado. No entanto, viu-se a necessidade de regulamentar e ordenar as transações. Sendo assim, o Estado passou a interferir e criou um sistema para controlar as crises que surgiam e que podem vir a surgir através da desregulamentação de emissões de moeda. As criptomoedas surgem assim, com um sistema descentralizado, buscando liberdade nas transações e excluindo a intermediação estatal.

Ao mesmo tempo que essa tecnologia é tão recente, carrega consigo a característica mais antiga da criação e surgimento da moeda, a descentralização. É um artifício que nasceu com a moeda. Talvez esse seja o grande motivo das divergentes opiniões existentes acerca do assunto, pois os conservadores, depositam sua confiança no sistema monetário tradicional e nas instituições financeiras, enquanto os perfis liberais anseiam por liberdade monetária, no sentido de não serem controlados pelos bancos e muito menos pelo governo. Pode-se analisar também precedentes em busca de retomar a descentralização do sistema monetário quando a desconfiança nas instituições financeiras se demonstrou forte. Logo, vê-se uma tendência com as criptomoedas, em resgatar características do passado, baseado em um novo conceito de confiança, alterando apenas a figura regedora e garantidora do sistema.

## 5 REFERÊNCIAS

ROSSETTI, José Paschoal; LOPES, João do Carmo. Introdução ao estudo da moeda. *In*: LOPES, João do Carmo; ROSSETTI, José Paschoal. Moeda e bancos uma introdução. São Paulo: Atlas, 1982.

BARRÍA, Cecilia. As cinco piores bolhas da história da economia porque elas ainda assustam. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42418028>> Acesso em 10 nov. 2018.

ANDERSON, Kelly. Barter System History: The Past and Present. Disponível em <<https://www.mint.com/barter-system-history-the-past-and-present>> Acesso em 12 ago. 2018.

TEJEDOR, Juan Carlos. Segurança e confiabilidade ainda são desafios para bancos. Disponível em <<http://www.investmentosenoticias.com.br/noticias/artigos-especiais/seguranca-e-confiabilidade-ainda-sao-desafios-para-bancos>> Acesso em 23 jun. 2018.

SIMSER, Jeffrey. Bitcoin and modern alchemy: in code we trust. *Journal of Financial Crime*, [S. l.], p. 1-14, 5 maio 2015. Disponível em: <<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JFC-11-2013-0067/full/html>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

ROONEY, Kate. After the crisis, the generation puts its trust in tech over traditional banks. Disponível em <<https://www.cnbc.com/2018/09/14/a-new-generation-puts-its-trust-in-tech-over-traditional-banks.html>> Acesso em 24 jul. 2018.

HARTMANS, Avery. Millennial's distrust of bank is spawning a new breed of startups. Disponível em <<https://www.businessinsider.com/millennials-distrust-banks-new-startups>> Acesso em 17 set. 2018.

BARNES, Katherine. What factors drive consumer distrust in today's banking institutions? Disponível em <<https://www.crimsonhexagon.com/blog/what-factors-drive-consumer-distrust-in-todays-banking-institutions/>> Acesso em 05 out. 2018.

HASELBY, Sam. Many mistrust banks, but why you mistrust banks says a lot. Disponível em <<https://aeon.co/ideas/many-people-mistrust-banks-but-not-for-the-same-reasons>> Acesso em 22 jun. 2018.

CHULAK, Daniel. Bitcoin reveals distrust in current bank system. Disponível em <<http://www.dailytargum.com/article/2017/11/bitcoin-reveals-distrust-in-current-bank-system>> Acesso em 13 set. 2018.

KALTENTHALER, KARL; ANDERSON, CHRISTOPHER J; MILLER, WILLIAM J. Accountability and Independent Central Banks: Europeans and Distrust of the European Central Bank. Disponível em

<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1468-5965.2010.02112.x>> Acesso em 20 nov. 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Origem e Evolução do Dinheiro. Disponível em <<https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https%3A%2F%2Fwww%2Ebcbr%2Egov%2Ebr%2Fhtms%2Forigevol%2Easp>> Acesso em 18 nov. 2018.

GOODHART, C.A.E. The Importance of Money. Disponível em <[https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-349-17295-5\\_2](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-349-17295-5_2)> Acesso em 02 out. 2018.

KLEIN, Tony; THU, Hien Pham; WALTHER, Thomas. Bitcoin is not the New Gold – A comparison of volatility, correlation, and portfolio performance☆. **International Review of Financial Analysis**, [S. l.], p. 105-116, 6 jul. 2018. DOI <https://doi.org/10.1016/j.irfa.2018.07.010>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S105752191830187X>. Acesso em: 6 maio 2021.

BAUR, Dirk G.; HONG, KiHoon; LEE, Adrian D. Bitcoin: Medium of exchange or speculative assets?. **Journal of International Financial Markets, Institutions & Money**, [S. l.], p. 1-13, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1042443117300720>. Acesso em: 19 maio 2021.

LEE, Adrian D.; LI, Mengling; ZHENG, Huanhuan. Bitcoin: Speculative asset or innovative technology?. **Journal of International Financial Markets, Institutions and Money**, [S. l.], p. 1-16, 31 jul. 2020. DOI <https://doi.org/10.1016/j.intfin.2020.101209>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1042443120300937>. Acesso em: 3 maio 2021.

AMMOUS, Saifedean. Can cryptocurrencies fulfil the functions of money?. **The Quarterly Review of Economics and Finance**, [S. l.], p. 1-14, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1062976917300777>. Acesso em: 7 maio 2021.

Cheah, Jeremy Eng-Tuck & Fry, John. (2015). Speculative bubbles in Bitcoin markets? An empirical investigation into the fundamental value of Bitcoin. *Economics Letters*. 130. 10.1016/j.econlet.2015.02.029.

Marella, Venkata.; Upreti, Bikesh.; Merikivi, Jani.; Tuunainen, Virpi. (2020). Understanding the creation of trust in cryptocurrencies: the case of Bitcoin. *Electronic Markets*. 30. 10.1007/s12525-019-00392-5.

Usama Adnan Fendi, Asem Tahtamouni, Yaser Jalghoum and Suleiman Jamal Mohammad (2019). The study of bubbles in bitcoin behavior. *Banks and Bank Systems*, 14(4), 133-142. doi:10.21511/bbs.14(4).2019.13